



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO CAPITALISMO

Gabriela Machado Camargo de Oliveira, e-mail: gabmachado290@gmail.com

Maria Inez Marques (Orientadora), e-mail: marques@sercomtel.com.br

Sueli Godoi (co-orientadora), e-mail: sgodoi1964@gmail.com

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

Campus Paranavaí

Resumo: As transformações societárias que ocorreram a partir da década de 1970 foram um marco histórico para a discussão da divisão sexual do trabalho, tal qual se origina da divisão social do trabalho. Nessa mesma época emerge os acentuados movimentos feministas, em que as mulheres começam a procurar e assumir uma autonomia agora necessária, tanto econômica quanto social. A partir do contexto da reestruturação produtiva do capitalismo, o mercado de trabalho, foi criando diferentes estruturas, melhorando em alguns aspectos e não obtendo nenhum avanço em outros, como por exemplo, na divisão sexual do trabalho, em que as mulheres buscam por reconhecimento, salários iguais e a liquidação da dupla e até tripla jornada de trabalho.

Palavras-chave: Transformações Societárias, Reestruturação Produtiva, Divisão Sexual do Trabalho.

Introdução

O presente resumo foi pensado e transcrito a partir do interesse da pesquisadora pelo tema “divisão sexual do trabalho”, como proposta de Trabalho de Conclusão de Curso. Especificamente, tem como objetivo, apresentar discussões acerca da divisão sexual do trabalho, a partir do contexto da reestruturação produtiva do capitalismo.

Para compreender a divisão sexual do trabalho a partir do contexto da reestruturação produtiva do capitalismo na década de 1970, se faz necessário a compreensão das transformações societárias que começam a surgir na mesma época e simultaneamente as mudanças no modo de produção capitalista, onde os trabalhadores vivenciaram a diminuição dos seus direitos, mas, ao mesmo tempo, o avanço dos movimentos feministas, a luta pela igualdade e o começo da discussão da divisão sexual do trabalho, oriunda da divisão social do trabalho.



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

A partir dessas mudanças, a discussão da divisão sexual do trabalho vem à tona, fazendo com que as mulheres repensem o trabalho doméstico, para que seja reconhecido como trabalho, bem como a diferença entre salários e a separação mais justa dos trabalhos domésticos, considerando a dupla jornada das mulheres, que além de muitas vezes trabalharem fora de casa, também tem seu papel ligado à maternidade, a família e ao lar.

Materiais e métodos

A pesquisa sobre a Divisão Sexual do trabalho no contexto da reestruturação produtiva do capitalismo é resultado de discussões realizadas no contexto da disciplina de Núcleos Temáticos, no 4º ano do Curso de Serviço Social da UNESPAR/Campus Paranavaí.

Foram realizadas em sala de aula, oficinas para preparação de discussões que culminaram em apresentação oral sobre diferentes temáticas.

A pesquisa foi essencialmente bibliográfica, com a utilização de livros, periódicos e buscas em sites especializados, reconhecidos no meio acadêmico e pela comunidade científica.

Resultados e Discussão

Segundo José Paulo Netto (2012), o capitalismo contemporâneo foi ilustrado pelas grandes transformações societárias que foram ocorrendo a partir da década de 1970, definindo o capitalismo com traços novos e processos originais. Essas transformações estão diretamente ligadas ao chamado “mundo do trabalho”, chegando a criar teses ludibriadas como “o fim da sociedade do trabalho” e do “desaparecimento” da classe proletária. São essas, transformações que transbordam abundantemente os circuitos produtivos, envolvendo a totalidade social, configurando a sociedade tardo-burguesa que surge da restauração do capital empregada desde os fins dos anos de 1970. (NETTO, p. 416, 2012).



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

Netto (2012) salienta sobre a grande economia de mão de obra de trabalho vivo, fazendo crescer a estrutura pura do capital, que teve resultado direto na sociedade capitalista: o crescimento exponencial da força de trabalho excedente em face dos interesses do capital, entretanto descobrindo o desemprego estrutural. Podemos então dizer que de fato o mercado de trabalho vem sendo reestruturado desde então, e todas essas novidades destinam ainda mais para a precarização da vida de todos aqueles que vendem sua força de trabalho.

Segundo Nogueira (2004), os anos de 1970, em conjunto com o processo de reestruturação produtiva, foram também uma estrema para o movimento feminista. Ampliou-se um processo de conscientização da luta pela autonomia da mulher, questionando alguns pontos, dentre eles o modo de produção capitalista, o qual conta com a contribuição da crítica marxista.

A identidade classista, tanto sindical quanto política – partidária, é fixada no grupo das pessoas que vendem sua força de trabalho, desafiando o capitalismo e experimentando mudanças significativas marcadas por diferenciações, divisões, cortes e recomposições, refletindo nas novas fragmentações da divisão social e técnica do trabalho. (NETTO, 2012).

Durante o período de 1970, a mulher afirmava a sua participação nas lutas da própria classe, na organização política e sindical, confrontando o discurso conservador que se sugeria sempre a mulher: “ser mãe e esposa, mantendo o conceito de família como instituição básica e universal” (NOGUEIRA, p.37, 2004).

Netto (2012), esclarece ainda sobre as mudanças nas diversas outras classes, denominadas pelo autor de “res do chão” da ordem tardo-burguesa, a qual já vem sendo destruída gradativamente pelo capitalismo contemporâneo.

Ainda segundo o autor, o grande capital visa, claramente, a diminuição dos direitos sociais, roubo ao fundo público, em contrapartida, nessa estrutura também há lugar para defesa da liberdade, cidadania e da democracia.



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

Estas mudanças não são positivas e nem favoráveis para a “classe que vive do trabalho”, pelo contrário, a vitória do capital feriu fortemente os trabalhadores, tendo como consequências o desemprego, precarização do trabalho e a diminuição dos salários daqueles que continuaram com seus empregos, um ataque exacerbado aos sistemas de seguridade social. (Idem, 2012).

Hirata (2007) coloca que foi no início dos anos de 1970, com o impulso do movimento feminista, que surgiram os trabalhos que dariam bases para a formulação de um conceito para a divisão sexual do trabalho. Como pontuado por (NOGUEIRA, 2004), (HIRATA, 2007) também aponta para o trabalho da mulher sempre ligado à natureza, ao amor, ao dever materno e familiar, e ainda, com a falta do reconhecimento do trabalho doméstico.

Ainda segundo Nogueira (2004), é nos anos de 1970 que a repressão contra a mulher se acentuou, nesse momento se faz importante a luta pela sua emancipação econômica e social, pelo seu direito ao trabalho, com todas as particularidades que cabem, como salários iguais para trabalhadores iguais, e também uma redistribuição de uma forma mais justa do trabalho doméstico, na intenção da mulher não ficar com uma dupla jornada.

Nessa perspectiva abriu-se caminho para começar a pensar na divisão sexual do trabalho. Segundo Hirata (2007), a divisão sexual do trabalho é a forma da divisão social do trabalho que perpassa pelas relações sociais entre os sexos, e tem como característica principal a aceção do trabalho produtivo para o homem e reprodutivo para a mulher, conseqüentemente o trabalho do homem tinha mais valor social.

O que é concreto, não são as situações, mas sim a distância entre os grupos de sexo. A condição feminina melhorou, porém, a distância continua inalterável.

Considerações finais



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

A partir da realização desse resumo, conclui-se que para a compreensão vida divisão sexual do trabalho, é necessário entender as transformações societárias que ocorreram a partir da década de 1970, trazendo grandes mudanças para aqueles que vendem sua força de trabalho. Em conjunto, emerge também os movimentos feministas, onde a mulher se reconhece como trabalhadora, lutando por igualdades, que sempre ocorreram.

A partir de então surge a divisão social do trabalho, ramificando na divisão sexual do trabalho. Nessa perspectiva, o trabalho produtivo e valoroso está diretamente ligado ao homem, enquanto o trabalho reprodutivo é localizado na mulher, que por natureza deve ser mãe, esposa, e cuidadora do lar. É pensado então a dupla jornada da mulher, muitas vezes sendo visto apenas como uma consequência do trabalho assalariado, se resumindo entre os princípios do trabalho separado e o hierárquico.

É certo que muitos foram os avanços para a mulher, no mercado de trabalho, mais ainda há muito o que progredir. A divisão sexual do trabalho não é imutável, as situações sempre são as mesmas, independem de lugar e espaço, porém a distância entre os sexos continua inalterada.

Referências

HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Cadernos de Pesquisa:** Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho, v. 37, nº 132, p. 595-609, 2007.

NETTO, José Paulo. Crise do Capital e Consequências Societárias. **Palestra transcrita do 5º Seminário Anual de Serviço Social.** São Paulo, nº 111, p. 413-429, 2012.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A Feminização no Mundo do Trabalho:** entre a emancipação e a precarização. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.